



UM
ESTADO
SELVAGEM

“Uma estreia fulgurante.”

THE NEW YORKER

Roxane

“Um livro magistral, intenso, inquietante e único.
Jamais o esquecerei.”

MEG WOLITZER, autora de *OS INTERESSANTES*

teorema

Gay

Roxane Gay

UM ESTADO
SELVAGEM

Tradução
Raquel Dutra Lopes

teorema

PRIMEIRA PARTE

Felizes para Sempre



Uma vez, numa terra distante, fui raptada por um grupo de jovens intrépidos, ainda que aterrorizados, com tanta esperança impossível a latejar-lhes nos corpos que lhes queimava a própria pele e fortalecia a vontade através dos ossos.

Mantiveram-me em cativeiro durante treze dias.

Queriam vergar-me.

Não era pessoal.

Não fui vergada.

É o que digo a mim mesma.

Fazia calor, quase quarenta graus, o ar tão carregado que parecia que caía uma chuva morna. Vesti ao meu filho, Christophe, as roupas em miniatura: umas bermudas vermelhas e uma *T-shirt* azul-clara com um barco à vela estampado. Cobri-lhe os braços morenos e suaves e o rosto sorridente com protetor solar. Dei-lhe um beijo no nariz e afastei-lhe da cara os caracóis crespos, louro-escuros, enquanto ele pressionava as palmas das mãos nas minhas faces e gritava:

– Mamã! Mamã! Mamã!

Eu, o meu marido – Michael – e o bebé despedimo-nos dos meus pais, dizendo-lhes que voltaríamos à hora do jantar.

Íamos levar Christophe ao oceano pela primeira vez. Íamos segurá-lo ao colo na água morna e salgada enquanto ele agitava os dedos dos pés e as pernas rechonchudas. Íamos atirá-lo no ar em direção ao sol e recebê-lo em segurança nos nossos braços.

Na varanda onde estava a regar as plantas, a minha mãe sorriu-nos; usava um impecável fato de linho e saltos altos. Atirou um beijinho ao neto e recomendou-nos que tivéssemos cuidado.

Instalámos o nosso filho na cadeirinha do carro. Demos-lhe o peluche preferido, um pequeno buldogue chamado *Baba*. Ele apertou o brinquedo adorado com o punho pequeno bem cerrado, ainda a sorrir. Tem o temperamento do pai. Por norma, está contente. Isso para mim é importante. Antes de entrar no carro, Michael voltou a verificar se Christophe estava bem seguro na cadeirinha e guardou os nossos sacos de praia na bagageira.

Segurou-me a porta para que eu entrasse. Quando a fechou, encostou a cara à janela e encheu as bochechas com ar. Eu ri-me e encostei a mão ao vidro, como se lhe tocasse no rosto.

– Amo-te – boquejei.

Não o digo com frequência, mas ele sabe. Correu para o seu lado do carro e, depois de se instalar ao volante e de ajustar o retrovisor para conseguir ver o bebé, inclinou-se para mim e beijámo-nos. Pousou um braço no apoio entre nós e eu fui-lhe acariciando distraidamente a penugem dourada dos braços. Sorri e encostei a cabeça ao seu ombro. Descemos pela ladeira longa e íngreme da rampa da casa dos meus pais e esperámos tranquilamente que os portões pesados de aço, os portões que nos mantinham a salvo, se abrissem.

Nas traseiras do carro, Christophe ia arrulhando baixinho, ainda a sorrir. Assim que os portões se fecharam atrás de nós, três *Land Cruisers* pretos rodearam-nos o carro. O ar encheu-se de guinchos agudos e do cheiro a borracha queimada. Os nós dos dedos bronzeados de Michael ficaram brancos enquanto ele agarrava o volante com toda a força e, frenético, procurava uma

forma de escapar. Todo o seu corpo tremia. As portas dos três jipes abriram-se ao mesmo tempo e homens que não conhecíamos saíram: só se viam membros e armas. Fez-se silêncio, o ar rarefeito, ainda quente, retinha-se dolorosamente na minha caixa torácica. Ouviram-se gritos.

Dois homens detiveram-se atrás do nosso carro, de metralhadoras em riste. Michael carregou no acelerador para avançar, mas um homem alto, com um lenço vermelho a tapar-lhe a parte inferior do rosto e uma metralhadora na mão, bateu com o punho no capô do carro. Deixou uma pequena moosa com a forma da sua mão fechada. Fitou-nos e depois ergueu a arma, apontando-a diretamente ao peito de Michael. Eu passei um braço à frente do corpo dele, um gesto tolo e impotente. Michael tinha os olhos brilhantes e arcos de lágrimas tremiam-lhe ao longo das pálpebras inferiores. Agarrou-me a mão entre as suas, segurando-a com tanta força que julguei que todos aqueles ossos esguios seriam esmagados.

Dois dos homens bateram com a coronha das armas nas janelas do carro. Os corpos deles refulgiam de raiva. O vidro estilhaçou-se, as fraturas espriaram-se. Eu e Michael afastámo-nos, numa espera tensa, e depois o para-brisas quebrou-se, com um som ruidoso e repercutido. Protegemos a cara enquanto estilhaços de vidro caíam à nossa volta, refletindo intensos prismas de luz. Os dois ao mesmo tempo, esticámo-nos para Christophe. O bebé continuava a sorrir mas os lábios tremiam-lhe e tinha os olhos arregalados. As minhas mãos não conseguiam alcançá-lo. Tinha os dedos tão perto do meu filho que os sentia a latejar. Se lhe tocasse, todos ficaríamos bem; aquela coisa terrível não aconteceria. Um homem passou a mão pela janela partida e destrancou-me a porta. Começou a puxar-me bruscamente para fora do carro, resmungando por o cinto de segurança me manter ali dentro. Depois de me esbofetear, ordenou-me que libertasse o cinto. Eu tinha as mãos a tremer ao carregar no botão. Fui arrancada ao carro e atirada para a rua. Ardia-me a pele do rosto.

O meu corpo afrouxou. Não passava de pele, demasiado retesada sobre ossos, nada mais, nenhum ar. O homem fitou-me com um esgar e chamou-me *diaspora* com o ressentimento que os haitianos que não podem partir nos reservam, aos que podemos. A sua pele estava escorregadia. Eu não conseguia agarrá-lo. Tentei arranhá-lo, mas os meus dedos recolheram apenas uma espessa camada de suor. Tentei agarrar-me à porta do carro. Ele bateu-me com a arma nos dedos. Gritei:

– O meu bebé. Não façam mal ao meu bebé.

Um dos homens agarrou-me pelos cabelos, atirou-me ao chão, pontapeou-me o estômago. Arquejei, envolvendo-me com os braços. Formou-se um pequeno grupo à minha volta. Implorei-lhes que me ajudassem. Não o fizeram. Ali ficaram, a ver-me gritar e resistir com todas as ganas. Vi-lhes os rostos e a indiferença nos olhos, o alívio por ainda não ser a vez deles; os lobos ainda não tinham ido atrás deles.

Obrigaram-me a pôr-me de pé e, mais uma vez, tentei libertar-me, tentei fugir, alcançar o meu filho, sentir a sua pele contra a minha, nem que fosse uma última vez. Gritei-lhe pela janela partida. Gritei:

– Christophe!

E bati com o punho na janela para que olhasse para mim. Disse-lhe as coisas que qualquer mãe diria a um filho nesse momento, apesar de ele ser demasiado pequeno para compreender o que quer que fosse. A minha voz estava completamente rouca. Ele olhou para mim, estendeu-me as mãos e esperneou. Observei-lhe as covinhas que tinha por cima de cada um dos nós dos dedos. Consegui soltar-me e abrir a porta de trás do carro, enrolando o cinto de segurança no pulso ao mesmo tempo que um par de mãos desconhecidas me puxava. O homem que estava do lado de Michael esmurrou-lhe o rosto vezes sem conta. Michael tombou para a frente, com testa contra a buzina, que desatou a uivar, num lamento que preenchia o ar. Um fio espesso e escuro de sangue escorria lentamente da testa do meu

marido, descendo-lhe por entre os olhos, pelo nariz e sobre os lábios. No assento traseiro, Christophe começou a chorar, com o rosto vermelhíssimo.

O aço frio do cano de uma arma espetou-se na minha pele. Estaquei. Uma voz disse:

– Acalma-te ou matamos-te a família. Matamos tudo o que alguma vez amaste.

Não me mexi. A arma cravou-se mais e mais. Abri os dedos e endireitei-me. Fitei a minha família. Não amo com facilidade. Ergui as mãos acima da cabeça. As coxas tremiam-me incontavelmente. Não conseguia mexer-me. Uma mão agarrou-me pelo pescoço e empurrou-me em direção a um veículo que esperava. Virei-me para olhar para trás, imbuída por uma calma súbita. Devagar, Michael levantou a cabeça. Fitei-o intensamente, desejando que ele soubesse que a nossa história não terminaria assim. Ele gritou o meu nome. O desespero na sua voz provocou-me náuseas. Boquejei-lhe *amo-te* e ele assentiu com a cabeça. Gritou-me:

– Amo-te.

Ouvi-o. Senti-o. Vi-o a tentar abrir a porta do carro mas a desmaiar de novo, com o corpo abatido sobre o volante.

Os meus raptos puseram-me uma saca de serapilheira sobre a cabeça e empurraram-me para o assento traseiro. A delicada construção óssea das minhas faces latejava, irritada. Doía-me a pele. Os meus raptos disseram-me, num inglês macarrónico, que se lhes obedecesse em breve voltaria a estar com a minha família. Eu precisava de me agarrar à esperança frágil de ser capaz de regressar ao meu felizes para sempre. Não sabia que isso era impossível. Isso era o antes.

Mantive-me muito quieta enquanto dois homens me flanqueavam. As suas pernas musculadas faziam pressão contra as minhas. Cada um deles agarrava um dos meus pulsos, com tanta força que os deixaria com círculos vermelho-escuros. O ar estava impregnado com o fedor de corpos jovens suados,

do meu sangue e do protetor solar que tinha espalhado na pele do meu bebê. Antes de perder os sentidos, ouvi uma risada fria, o choro do meu filho e o uivo desesperado da buzina do carro.

11

Abri os olhos e nada via para além de manchas claras de luz e sombras cinzentas. Doía-me a cabeça. Arquejei e comecei a debater-me freneticamente, lembrando-me de onde estava, do meu bebé a chorar, do meu marido. A saca de serapilheira dificultava-me a respiração. Precisava de ar fresco. Uma mão forte agarrou-me o ombro e obrigou-me a sentar de novo. Avisaram-me que ficasse quieta. Comecei a trautear. Trauteei tão alto que os meus dentes vibravam. Balançava-me para trás e para a frente. Uma mão agarrou-me pela nuca. Abanei-me com mais força. Alguém resmoneou:

– É louca.

Eu estava à beira da loucura. Ainda não tinha caído.

Estava assustada, tonta e nauseada, com a boca seca. Num solavanco, inclinei-me para a frente e vomitei, bÍlis a perpassar a serapilheira, o resto a escorrer-me pela camisa. Já me tornara repulsiva. O homem à minha esquerda começou a gritar, agarrou-me pelo cabelo, bateu-me com a cabeça contra o assento à minha frente. Senti a boca a azedar-se enquanto tentava proteger o rosto.

*

E depois, inexplicavelmente, pensei nos meus amigos em Miami, onde eu e Michael vivemos, e no que eles diriam quando lhes chegasse a notícia do meu rapto. Para os meus amigos norte-americanos, sou um objeto raro – uma haitiana que não vem das barracas ou do campo, uma haitiana que tem gozado uma vida privilegiada. Quando falo da minha vida no Haiti, eles ouvem as minhas histórias como se fossem contos de fadas, histórias que não poderiam ser verdadeiras, de tão boas.

Eu e o meu marido adoramos receber gente, dar jantares. Cozinhamos refeições sofisticadas das revistas *Gourmet* e *Bon Appétit*, bebemos vinhos caros e tentamos resolver os problemas do mundo. Pelo menos era o que fazíamos, no antes, quando estávamos menos cientes do espetáculo que nós próprios éramos e quando julgávamos que tínhamos algo que fosse sequer remotamente relevante a dizer acerca das coisas que devastam o mundo.

Numa dessas festas, em que recebemos amigos dele e amigos meus, alguns de quem gostávamos e muitos que detestávamos, toda a gente bebeu montes de vinho e dançou ao som de uma bela seleção musical. A comida era excelente, a conversa pretensiosa mas interessante e, como muitas vezes acontece, acabou por recair sobre o Haiti. Estávamos sentados no nosso pátio, iluminado por lanternas de papel e velas, todos nós embriagados por um excesso de dinheiro, de comida e de liberdade. Eu estava ao colo de Michael, a descrever pequenos círculos na parte de trás do seu pescoço com as unhas, e ele tinha um braço à volta da minha cintura. Toda a gente se inclinava para a frente, com um desejo sincero de compreender um lugar que provavelmente nunca visitaria. Um dos meus amigos mencionou um artigo de uma revista que tinha lido, no qual se dizia que o Haiti havia ultrapassado a Colômbia como a capital mundial dos raptos. Outro falou-nos de um destaque recentemente dado por uma revista nacional à epidemia de sequestros – foi a palavra que usou, como se sequestrar alguém fosse uma doença,

um contágio impossível de controlar. Seguiram-se comentários acerca de vudu e daquele filme com Lisa Bonet que levou Bill Cosby a zangar-se com ela. Pouco depois, toda a gente parecia desesperada por oferecer um pedaço de informação acerca do meu país, do meu povo, acerca da violência, da pobreza e do desespero, invocando um local que não existe onde quer que seja, exceto na imaginação americana.

Nessa noite, encostei o rosto ao pescoço de Michael, sentindo-lhe a pulsação contra a minha face. Ele abraçou-me com mais força. Compreendia. Há três Haitis – o país que os Norte-Americanos conhecem, o país que os Haitianos conhecem, e o país que eu julgava conhecer.

Nas traseiras do *Land Cruiser* no dia em que fui raptada, encontrava-me num país completamente novo. Não estava em casa, ou estava e ainda não o sabia. Alguém ligou o rádio. Estava a dar uma música que eu reconheci. Comecei a acompanhá-la, querendo fazer parte de uma coisa que me fosse familiar. Alguém me mandou calar. Cantei mais alto. Cantei tão alto que não ouvia o que quer que fosse à minha volta. Um punho atingiu-me o maxilar. Caí para o lado, com a cabeça a latejar. Não parei de cantar, embora as palavras abrandassem e se tornassem arrastadas.

Eu deveria estar na praia com o meu marido. Deveria passar as pernas à volta da cintura de Michael quando ele me levasse para o mar, para longe da costa, aproveitando uma sesta do nosso filho. Percorrer-lhe-ia o maxilar com as pontas dos dedos e os lábios. Sentiria o sabor do sal, do sol e do mar na sua pele e ele abraçar-me-ia com tanta força que me custaria respirar. Ignoraríamos tudo à nossa volta e ele beijar-me-ia como sempre – com força, com determinação, a pele suave dos nossos lábios a ser pisada, macerada, a sua língua na minha boca, uma mão a remexer-me o cabelo num gesto possessivo. Esforça-se sempre

tanto por se agarrar a mim porque não se dá conta de que estou sempre com ele. Somos como uma fechadura e uma chave. Um sem o outro, nada somos. Quando o sol se revelasse demasiado, quando o nosso desejo se tornasse excessivo para aquele momento, eu afastar-me-ia e sairíamos da água, com os corpos pesados. Deitar-nos-íamos na areia branca e quente, com o nosso filho adormecido entre nós. O sal do mar secaria na nossa pele. Beberíamos algo fresco e desfrutaríamos da perfeição do nosso felizes para sempre.

Mas não estávamos lá. Eu não estava lá. Estava sozinha, num país que não conhecia, que não me pertencia, nem ao meu pai, um país que pertencia a homens que não obedeciam a espécie alguma de lei.

O carro prosseguiu durante horas, por estradas serpenteantes e estreitas. Os homens discutiam questões financeiras, especulando quanto ao valor do resgate que conseguiriam por mim. Uma mão agarrou-me um seio, que se ia enchendo lentamente de leite, e eu endireitei-me, com a coluna retesada. Sussurrei:

– Não me toquem.

Seguiu-se um riso. Uma voz respondeu:

– Ainda não.

Mas a mão apertou com mais força. Tentei desviar-me da violação, mas não havia para onde ir. Estava numa jaula, a primeira de muitas.

– Nunca conseguirão safar-se com isto – disse-lhes, com a voz já a ficar rouca.

Mais risos.

– Já conseguimos.



Parámos numa rua barulhenta. Os meus raptores tiraram-me a saca da cabeça e eu sorvi o máximo de ar possível. Semicerrei os olhos, ajustando-me ao ambiente. O sol continuava no firmamento, mas ganhava tons rosados sobre o horizonte. Era linda, a forma como a cor se espriava pelo céu em arcos prolongados. Fitei esse cor-de-rosa, desejando recordar tudo o que continha, até que uma mão me agarrou pelo cotovelo. Estremeci e cambaleei em frente.

Na rua, umas quantas pessoas olharam, mas ninguém se mexeu para me ajudar. Apesar de saber que as minhas palavras seriam em vão, gritei:

– Isto não está certo!

Não há espaço para tais distinções num país onde demasiada gente tem de esgaravatar para obter aquilo de que precisa, e mesmo assim nada obtém.

Os meus sequestradores fizeram-me passar por uma sala escura com três sofás e uma televisão grande de ecrã plano. Num dos sofás estava uma mulher de *top* de alças vermelho, saia de ganga e chinelos, daqueles com sola grossa. Os meus olhos arregalaram-se quando a vi a observar-me. Não me pareceu surpreendida. Abanou a cabeça e voltou a concentrar-se no programa, um *talk show* qualquer.

Noutra sala, quatro homens jogavam às cartas. Havia garrafas de cerveja *Prestige* em cima da mesa e um cinzeiro a transbordar. Um deles lambeu os lábios à nossa passagem. Quando passámos por um quarto de criança, senti um ardor desconfortável nos seios. Pensei em Christophe, o meu menino querido, que ainda não tinha sido desmamado, que queria o peito da mãe e não poderia ser saciado.

Por fim, chegámos a um quarto que tinha uma pequena cama encostada a uma parede e um grande balde junto à outra. Havia uma janela minúscula e gradeada que dava para uma ruela e, por baixo da janela, um póster desvanecido do partido político Fanni Lavalas com o rosto de um homem que não reconheci. Atiraram-me para esse quarto e fecharam a porta. Deixaram-me numa nova jaula. Agarrei de imediato a maçaneta, esforçando-me ao máximo por girá-la. A porta estava trancada. Era impossível não entrar em pânico. Comecei a esmurrar a porta. A minha ideia era deitá-la abaixo, mas a porta era forte e os meus braços nem por isso.

Quando me exauri por completo, deixei-me escorregar até ao chão. O calor era opressivo. Já tinha as roupas coladas ao corpo, sentia o meu próprio odor e tinha as linhas do rosto húmidas de suor.

O calor assume uma característica peculiar durante o verão em Port-au-Prince. O ar torna-se espesso e inescapável. Envolve-nos e aplica uma pressão constante. No verão em que fui raptada, o calor era incessante. Pressionava-me, tão perto da minha pele. Invadia-me os sentidos até eu esquecer praticamente tudo, até esquecer o significado da esperança.

Esperei e tentei não imaginar o que me poderia acontecer. Não podia permitir-me pensar em tais coisas, ou não haveria motivo para acreditar que me salvariam. Em vez disso, tentei recordar por que razão os meus pais haveriam de ter regressado

ao país que outrora tinham abandonado, o país que outrora tinham amado, o país que eu julgava que adorava.

Há a seguinte verdade: sei muito pouco acerca da infância dos meus pais. Não são dados à confissão. Tanto a minha mãe como o meu pai são de Port-au-Prince. Cresceram na pobreza. Havia demasiadas crianças e nada era suficiente. Muitas vezes, passavam fome. Iam descalços para a escola e eram alvo de troça por terem os pés sujos. Os meus avós paternos morreram quando o meu pai era jovem, com mortes que o enojavam, com mortes, disse-nos ele uma vez, que lhe tinham demonstrado que a única forma de sobreviver neste mundo é sendo forte. A sua mãe, disse ele, era uma mulher fraca, e o pai um homem fraco também, e fora a fraqueza de ambos que os levara à morte, o pai por falência renal, provocada pela afeição que dedicava ao rum, a mãe de insuficiência cardíaca, provocada por amar em demasia o homem errado. O meu pai tem passado a vida inteira determinado a não ser como eles, independentemente do que isso possa custar-nos.

O pai da minha mãe morreu quando ela tinha seis anos. O seu primeiro padrasto morreu quando ela tinha onze. O segundo padrasto morreu quando ela tinha catorze e o terceiro quando ela tinha dezoito. A mãe vive com o mesmo homem há mais de vinte anos, mas recusa-se a casar com ele. O seu receio é compreensível. A minha avó e o homem que considero meu avô moram num pequeno apartamento com dois quartos, no Bronx, onde ela tem vivido desde que foi para os Estados Unidos. Trabalhou como governanta para uma família judaica de Manhattan e foi chamando os doze filhos, um a um. Quando o mais novo finalmente pôs os pés em solo norte-americano, ela começou a assistir a aulas numa faculdade local, determinada a fazer mais do resto da sua vida do que limpar as porcarias das vidas dos outros.

Os meus pais foram separadamente para os Estados Unidos; o meu pai, Sebastien, quando tinha dezanove anos, via Montreal

e depois Queens; a minha mãe, Fabienne, via Bronx. Ambos voaram pela Pan Am. Guardaram os sacos para o enjoo gravados com o logótipo da companhia aérea e maravilharam-se ao partilharem essas partes das suas histórias um com o outro, por serem tão semelhantes.

Houve uma altura, há muito tempo, em que os meus pais eram desconhecidos numa terra estranha, mas encontraram-se. Encontraram o amor quando se conheceram num casamento onde o meu pai, impressionado com o sorriso invulgar da minha mãe e com a forma como ela se mexia na pista de dança, lhe perguntou se poderia acompanhá-la até casa. Ela estava com a irmã, Veronique, que viria a ser minha madrinha. As irmãs sentaram-se no assento traseiro do *Chevelle* do meu pai e fizeram todo o percurso a rir-se porque, como mais tarde a minha mãe me contaria, Sebastien Duval era mesmo muito sério.

Uma semana depois desse primeiro encontro, ele disse à minha avó materna que ia casar-se com a filha dela. Cortejou-a, visitando-a sempre no apartamento da mãe dela, onde a minha mãe vivia com vários dos doze irmãos. O meu pai usava um fato impecavelmente engomado e gravata. Era costume estar nervoso e a minha mãe encantava-se por criar tamanha incerteza num homem que, em relação a tudo o mais, transpirava confiança.

Passavam a maior parte do tempo sentados num sofá com uma proteção de plástico e conversavam, enquanto os irmãos mais novos da minha mãe corriam por ali com demasiada energia para um apartamento tão pequeno. Três dos irmãos mais velhos dela lançavam olhares carrancudos ao meu pai sempre que passavam pela sala e por vezes faziam ameaças vãs em relação aos ossos que lhe partiriam se ele pisasse o risco. Os meus pais desfrutavam de pouca privacidade. O romance deles floresceu entre suspiros partilhados, coxas que se tocavam e olhares firmes enquanto a vida naquele apartamento atulhado rebentava à volta deles.

É digno de admiração que tenham conseguido apaixonar-se. A paixão, diz a minha mãe, requer o seu próprio espaço privado. Ela e o meu pai não tiveram alternativa senão criar esse espaço privado onde ele não existia.

Ainda que o meu pai tenha deixado as suas intenções bem claras desde o início, esperou seis meses para pedir a minha mãe em casamento. Nesse dia, levou-a a ver *A Torre do Inferno*. Ela adorava Steve McQueen, achava que era um americano muito bonito. Os meus pais deram as mãos durante o filme, com o meu pai a passar ao de leve as pontas dos dedos pelos nós dos dedos da minha mãe. O gesto acelerou-lhe o coração, contaria a minha mãe, porque era o momento mais íntimo que alguma vez tinham partilhado. Enquanto acompanhava a minha mãe de volta ao apartamento, o meu pai começou a dizer-lhe que, um dia, iria construir torres, mas as suas não arderiam. Não. As suas torres elevar-se-iam para os céus e nada, nada o deixaria mais feliz do que ter a minha mãe a seu lado. Embora a maior parte das pessoas não se aperceba disso, o meu pai é que é o romântico louco da relação. A minha mãe nada disse e eles continuaram a caminhar por ruas desertas de Nova Iorque.

Mais tarde, detiveram-se à entrada do apartamento da minha mãe, estando esta a ponderar as palavras do meu pai. Ele esperou, com a testa suada, o fato a pender-lhe na figura esguia, o corpo a encolher-se cada vez mais à medida que a esperança ia esmorecendo. A minha mãe saboreou tensão tranquila daquele momento. Não que fosse cruel. Tinha passado demasiado tempo da sua vida rodeada por demasiada gente a clamar pela atenção de alguém, a clamar por tudo o que uma pessoa poderia precisar e sem nunca obter o suficiente. Tudo aquilo por que ansiava realmente era sossego e espaço, e sabia que o meu pai lhe proporcionaria essas coisas. A mão do meu pai tremia enquanto fazia deslizar um anel com um diamante modesto pelo dedo dela. Segurou-lhe o pulso com delicadeza, deixando o polegar encostado ao osso ligeiramente curvado. Disse-lhe:

– Sou um homem ambicioso.

Ao que a minha mãe replicou:

– Creio bem que sim.

Um ano depois, casaram e, passado outro ano, o meu pai licenciou-se em engenharia civil na City College de Nova Iorque e arranjou trabalho numa grande firma de construção civil, no Nebraska. Separou a minha mãe de tudo o que ela conhecia mas, ainda que ela não acreditasse em contos de fadas, ele era o seu Príncipe Encantado.

Para onde ele fosse, ela seguiu-lo-ia.



A primeira coisa que Michael ouviu foi um uivo terrível e agudo – talvez fosse a buzina de um carro, embora houvesse qualquer coisa estranha naquele som. Sentia uma dor seca na cabeça e algo líquido na testa, a correr-lhe pelo lado esquerdo do nariz e pelo rosto. Sentou-se e tentou concentrar-se, mas tudo o que via era luz intensa, raiada. Também havia um choro, o som de um bebé a chorar, o seu bebé a chorar, apercebeu-se. Estilhaços de vidro nas suas pernas, um deles espetado no joelho. Não lhe doía mas tinha um ar bizarro, quase belo, a refletir um raio estreito de luz.

Fechou os olhos e depois tornou a abri-los lentamente. Olhou para as mãos, reparou na aliança e tentou lembrar-se a quem o ligaria aquele anel, e então todas as memórias regressaram – o filho, a sorrir no assento traseiro, a mulher, Mireille, com a pequena mão pousada no seu braço, um sorriso rasgado, a forma como mordia o lábio inferior quando ficava nervosa, o fulgor no seu olhar quando discutiam e depois os homens armados, a culatra de uma espingarda apontada à sua cabeça, o filho aos berros no assento traseiro mas, acima de tudo, a expressão aterrorizada de Mireille ao ser levada por dois homens armados.

Michael abriu a porta do carro, com as mãos a tremer, e saiu aos tropeções, não conseguiu manter o equilíbrio, caiu de

joelhos. Tinha algo a corroer-lhe o peito, uma dor aguda mesmo abaixo do esterno.

– Christophe – sussurrou.

Debateu-se com a porta de trás, soltou rapidamente o cinto do filho, tocando-lhe em todo o corpo para se assegurar de que o menino não estava magoado. Quando teve a certeza de que Christophe estava bem, encostou-o ao peito, sem que ele parasse de gritar. Tentou formar palavras que fizessem sentido para um bebé. Não havia maneira de consolar Christophe. A buzina do carro começou a desvanecer-se à medida que os guinchos de Christophe se tornavam mais agudos, com o pequeno corpo a estremecer do esforço de tentar respirar e gritar ao mesmo tempo. Michael começou a avançar para a multidão que se tinha juntado.

– Ajudem-me – pediu numa voz rouca, e depois inspirou profundamente, tapou a cabeça de Christophe com a sua mão e bradou numa voz que não teria reconhecido como sua: – Ajudem-me. Ajudem-nos. Levaram a minha mulher.

A multidão reunida limitava-se a fitá-lo, algumas pessoas abanavam a cabeça. As mãos tremeram-lhe durante todo o tempo que demorou a marcar o código, com sangue e suor nos olhos, mas os portões acabaram por voltar a abrir-se lentamente e Michael correu pela ladeira íngreme em direção à casa dos sogros. Martelou com os punhos contra a porta – grande e imponente como sempre, de mogno trabalhado, este detalhe mais claro do que outros, por qualquer motivo. Estava enlouquecido pelo pânico, não sabia o que fazer, não compreendia coisa alguma, não percebia por que razão ele e Mireille não continuavam a caminho de uma tarde perfeita na praia.

Uma das governantas, Nadine, foi à porta com um sorriso que depressa se transformou numa linha rígida quando Michael passou por ela a correr para ir ao encontro do pai de Mireille, Sebastien, no escritório. Michael agarrou o filho com mais força. Caiu de joelhos, com sangue, suor e até lágrimas a caírem-lhe do rosto para o mármore imaculado.

– Levaram-na – gritou, o seu corpo balançando para a frente e para trás. – Levaram-na – voltou a dizer, caindo em silêncio após estas palavras.

Sebastien empalideceu por um momento, mas depressa se recompôs. Tratava-se de Sebastien Duval. A compostura era a sua única opção. Havia muito que o aprendera. Pigarreou e pegou de imediato no telefone, começando a marcar. Estava calmo, sempre acreditara no benefício de se comportar racionalmente em qualquer circunstância. Olhou para o homem choroso à sua frente, o homem de corpo largo, cabelo louro e sorriso fácil. Sebastien Duval levantou-se, com o telefone na mão, e apontou para Michael.

– Controle-se – disse-lhe. – Vamos lidar com esta questão.

Proferiu aquelas palavras como se fosse possível serem verdadeiras.

Michael limpou o rosto à *T-shirt* e levantou-se com cautela. A dor de cabeça tornara-se mais intensa. Doía-lhe a cara toda.

– Lidar? A minha mulher, sua filha, acaba de ser raptada. Temos de ligar para a polícia, para a embaixada norte-americana, para o presidente, para todas as malditas organizações. Temos de fazer mais alguma coisa do que *lidar* com isto.

Sebastien ergueu uma mão, pronunciou umas quantas palavras entrecortadas em francês a quem quer que estivesse do outro lado da linha e depois desligou.

– Os negociadores vêm a caminho – anunciou. – A polícia foi notificada. Temos de manter a calma, caso contrário os sequestradores irão aproveitar-se da nossa fraqueza.

Até àquele momento, Michael não tinha compreendido a vastidão do mundo, e quão ínfimo era o lugar que ocupava nele, num país onde mal dominava o idioma, onde mulheres podiam ser arrancadas às famílias em plena luz do dia. Abanou a cabeça.

– Isto não está a acontecer – disse ele, cerrando o maxilar.

Tentou não pensar na estrutura pequena de Mireille, ou no que poderia estar a acontecer-lhe. A sua mulher era forte. Tinha uma vontade férrea. Ele sabia isso. Agarrava-se a isso.

Christophe parara de chorar mas respirava em arquejos entrecortados, com os olhos rosados.

– Mamã, mamã, mamã – ia dizendo.

– Eu sei – disse Michael, dando-lhe um beijo na face. – Eu também quero a mamã.

Quando o negociador chegou (norte-americano, usando um impecável fato escuro feito à medida), o médico já tinha ido à residência para tratar dos ferimentos de Michael. A mãe de Mireille, Fabienne, encontrava-se sentada com Michael e Christophe enquanto Sebastien andava de um lado para o outro da sala. O negociador, que se apresentara como sendo Mr. Evans, sentou-se e abriu uma pasta grande e preta, de onde tirou uma resma de papéis e aquilo que depois explicaria ser um aparelho gravador para usar no telefone.

– Temos de nos antecipar à ameaça – disse Evans. – Se tivermos uma noção melhor de quem estará por detrás disto, a probabilidade de recuperarmos a vítima mais rapidamente será maior.

– A vítima tem nome – atalhou Michael com concisão. – Chama-se Mireille e precisa de ser *recuperada* hoje.

O negociador assentiu com a cabeça.

– É claro que é isso que o senhor pretende, mas não é assim que as coisas funcionam por estes lados. A negociação é um processo e será bom que esteja preparado para o facto de isto levar o seu tempo.

– Quanto tempo? – perguntou Michael, elevando a voz. – Quantifique o tempo.

– Senhor, por favor, mantenha a calma – disse o negociador. – Sei o que estou a fazer.

Sebastien deteve-se e permaneceu parado, a coçar o queixo.

– Detesto a ideia de negociar com estes animais. Pago a um grupo de sequestradores e daqui a nada vêm atrás da minha família inteira... da minha mulher, da minha outra filha, dos meus sobrinhos. Há muito em jogo aqui.

Michael levantou-se, com todo o corpo a vibrar de frustração.

– Eu pago. O que for preciso. Pago já. Não quero saber dessas tretas. Quero a minha mulher de volta.

– Temos de esperar pelo pedido de resgate – disse o negociador –, antes de podermos fazer o que quer que seja. Nessa altura, eu exigirei uma prova de vida e daremos início às negociações. Terá de ser paciente, Mr. Jameson. Sou muito bom no que faço. Vou trazer a sua mulher de volta.

Michael fitou o sogro e recusou-se a desviar o olhar.

– Quero ser eu a tomar as decisões em relação a este assunto.

– Não sabe nada deste país – retorquiu Sebastien. – Há pouco que possa fazer para ajudar.

Michael manteve o olhar duro fixo no sogro.

– Conheço a minha mulher – disse ele. – Não serei ignorado.

Sebastien acenou com a mão no ar e recomeçou a andar de um lado para o outro.

– Não discutamos – disse. – Temos de esperar e temos de estar preparados.

Parecia confiante e olhou para o genro sem pestanejar. Michael jurou a si mesmo que não seria o primeiro a pestanejar.

